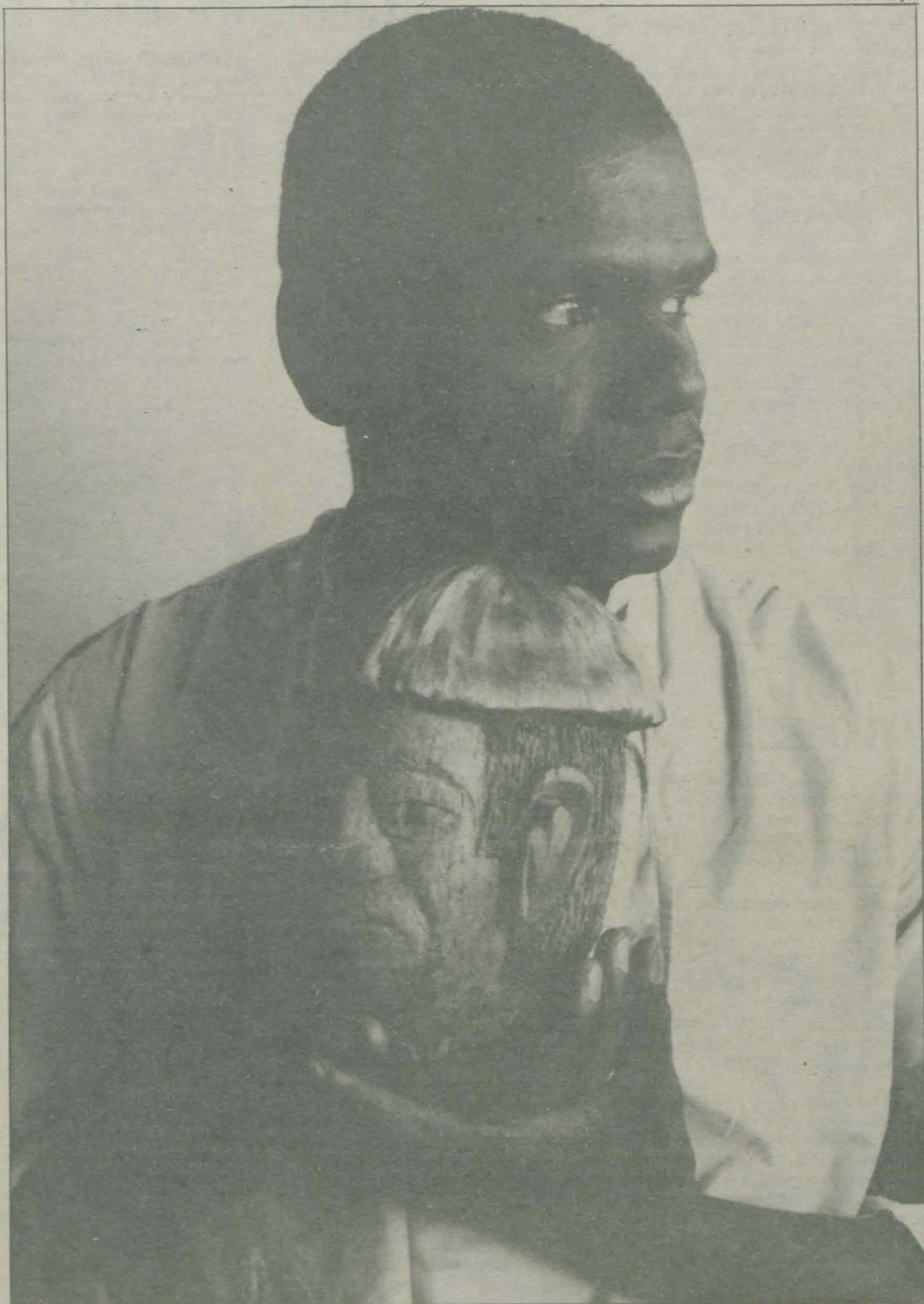


Campus

Jornal-laboratório
do Departamento
de Comunicação da UnB
Número 79
1ª Quinzena
Setembro de 1985

Marcelo Feijó



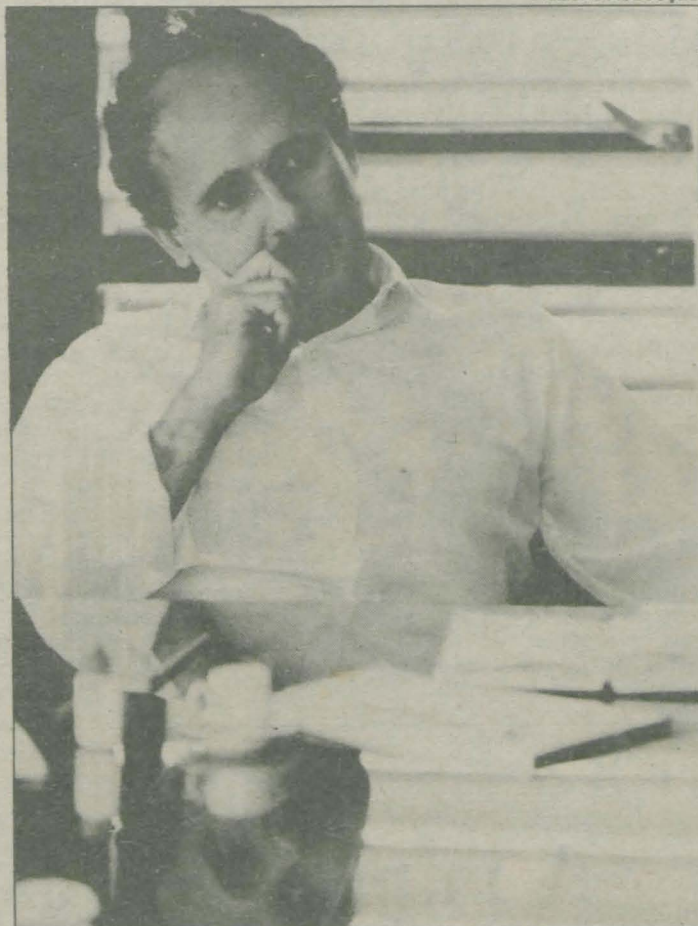
Brasil a favor do negro lá fora. Basta?

(Pág. 10 e 11)

Greve inicia semestre

Passada a crise política, emerge a crise salarial. Os professores, em decisão polêmica tomada numa assembléia das mais concorridas, paralisam suas atividades. O movimento docente se defronta com uma nova realidade. O Campus, atento ao desenrolar da crise, publica na próxima edição uma ampla cobertura sobre a greve dos professores.

Rubens Rebouças



Um Reitor e muitos nomes na nova UnB

(Pág. 3, 6, e 7)

Rubens Rebouças



ESPAÇO

Campus atrás de artigos

A Redação

O **Campus** vai mudar junto com a UnB. Dentre as inovações que a Redação irá implantar já para os próximos números, está a criação de um caderno especial, cujo objetivo é o de colaborar para a divulgação da produção intelectual da UnB. Este caderno deverá se constituir basicamente de artigos assinados, divulgando internamente o pensamento gerado nas diversas áreas e auxiliando na propagação deste pensamento para além das fronteiras da UnB, fazendo com que ele chegue nas demais Universidades, centros de pesquisa, órgãos governamentais e instituições diversas.

A idéia matriz existente por detrás do projeto é a de que o jornal coopere, dentro de suas possibilidades, com o es-

forço que a comunidade está empreendendo para elevar o nível da qualidade de nossas atividades acadêmicas. Além disto, espera-se, com subproduto, que se complemente e aprofunde a formação dos alunos de jornalismo, e ao mesmo tempo em que o **Campus** passa a prestar um melhor serviço à comunidade. Este projeto faz parte, ainda, de uma proposta maior de abrir com o **Campus** mais amplamente para o público. Conforme o leitor poderá notar na página 4 destinada aos assuntos da UnB, o jornal estará criando duas colunas. Uma com o objetivo de estabelecer o diálogo direto da comunidade com a administração, e outra que visa a veicular as denúncias que professores, alunos e funcio-

nários achem importante fazer, de forma direta, neste momento de reconstrução da Universidade. E nesta página 2, vinculada à Editoria de Opinião, o jornal irá inaugurar, ainda, uma seção de cartas dos leitores, que começará a funcionar assim que as correspondências chegarem à redação.

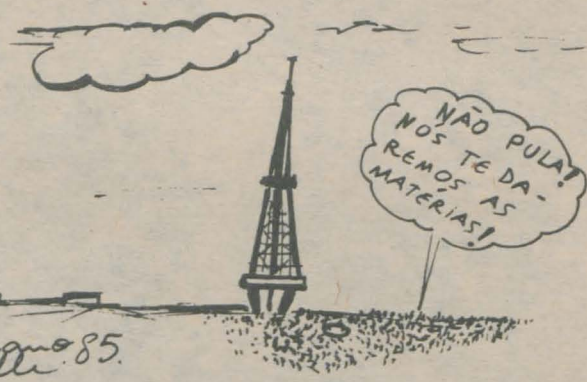
A Redação espera começar a receber, também a partir de agora os artigos escritos para o caderno especial. Para que a proposta de abertura do **Campus** à comunidade possa dar certo, é preciso que ela se mobilize e ocupe o seu espaço no jornal. Da mesma forma que ocupou o seu espaço na administração da UnB. O **Campus** tem certeza de que a comunidade, como sempre fez, saberá atender a mais este apelo de participação.



Histórias da UnB

Vejam só as últimas "ursadas" do Departamento de Comunicação. Uma colega nossa se matriculou numa turma, que abriu no primeiro dia de aula. Só que a referida turma foi cancelada na terça-feira, ou seja um dia depois de ter sido oferecida no reajuste. Enquanto isso, um outro aluno foi matriculado na mesma matéria duas vezes. E a gente ainda reclama por falta de vagas. Que injustiça! Outro episódio: oito alunos foram matriculados em uma turma inexistentes. O que aconteceu é que a turma oferecida na matrícula foi cancelada, sem que

os alunos tivessem sido avisados. E pelo visto, nem o computador sabia disto! Não bastando, alguns professores mudam o horário de suas turmas aleatoriamente, alegando "trabalhos com turmas conjuntas". E depois ainda reclamam dos choques de horário. Além dos problemas novos, tem muita coisa velha. Por exemplo, os pedidos de matrículas continuam a ser recusados na etapa "única", e logo em seguida é oferecida vaga na mesma turma durante o reajuste. E aí Universidade? Toma jeito... (Cláudio Ferreira e Joyce Russi)



MEIO

A imprensa e os jetons

Cláudio Ferreira

A última novidade do país chama-se "jeton". Além do salário normal, e de uma série de mordomias, deputados e senadores ganham uma comissão toda vez que é aberta uma sessão no Congresso. Só que essa "comissão" colabora com dois terços dos vencimentos de cada parlamentar. E o mais grave: eles não precisam estar presentes na sessão. Que ótimo, não?

Os líderes do Congresso, no entanto, acusam a imprensa de tentar desmoralizar o Legislativo, pondo a público o escândalo dos jetons. Junto com o caso, muita coisa tem sido levantada a respeito do Congresso. Jornais e revistas falam de projetos inúteis, de gastos desnecessários, e das pilhas de projetos à espera de aprovação. Mas é muita ingenuidade pensar na imprensa como "desmoralizadora" do Congresso Nacional. Por que o próprio Congresso não se moraliza? Por que não se lembrar sempre que se está mexendo com dinheiro público? O povo está vendo muitas mudanças, e está querendo muito mais.

Não é a imprensa a responsável por tantos escândalos. Nas próximas eleições, a credibilidade dos políticos vai ser testada. Coisas como os jetons é que abalam esta credibilidade. A solução seria estender os jetons a todo mundo: o operário deve ganhar por tijolo (não) colocado; o jornalista, por matéria (não) produzida, e assim por diante. Trabalhar, antigamente, era uma obrigação. Hoje isso é considerado uma vantagem, e quem trabalhar, além do salário, recebe um prêmio. Só tem uma coisa, congressistas: vocês não fazem mais do que a sua obrigação. Normalmente, nem a obrigação.



Vocês que sempre reclamam que não têm espaço no **Campus**, agora têm! A partir do próximo número, estaremos publicando cartas dos nossos leitores. E, podem criticar, podem esculhambar, que a gente lê com muito carinho. Temos dois editores que vão ler todas as cartas, e prometemos não exercer nenhum tipo de censura. Podem escrever sobre qualquer assunto. Entreguem as cartas na Redação do **Campus**, ou mandem pelo Correio.

Escorregando nos esses

Outro dia, passando naquela calçada entre o CONIC e o Conjunto Nacional, recebi um panfleto assinado por uma série de entidades, convocando para a abertura de um comitê pró-participação popular na Constituinte. Tudo muito bonito, se justamente o "slogan" do troço não viesse em destaque escrito assim: "Constituinte sem povo não trás nada de novo". A julgar por aí, está certo o cara que disse que o Brasil é um imenso erro de português. (Rudolfo Lago)

Pe(r)dido

de Matrícula

Procura-se um formulário de pedido de matrícula cujo desaparecimento deixou seu dono em maus lençóis. A última vez em que foi visto estava entrando em um barzinho da Ala Norte, "Urna de Ceubinho". Não se sabe se desapareceu neste local ou em alguma ruazinha suja, escura e burocrática. Caso seja encontrado, pede-se encaminhá-lo ao Departamento de Comunicação, onde prestará depoimento e, se for o caso, responderá pelas consequências legais do ato. Qualquer informação de maior importância será recompensada em ORVNs (Ocorrências no Reajuste Vinculado de Matrícula). (Luiz Antônio Gomes)

Campus

Jornal-laboratório do Departamento de Comunicação da UnB
Editor Geral: Prof. Carlos Augusto Setti

Editor de Arte: Profa. Maria Rita Leal
Editora de Fotografia: Profa. Luiza Venturelli

Editores: Marina Godoi, Milton Cintra, Juarez Libalino, Flávio Silveira (UnB); Luis Carlos Queiroz, Rosani Aparecida, Nicolau Elmoor, Ana Teresa Vieira Comunidade; Ana Paula Arape, Kátia Abreu (Nacional); Glória Carvalho, Claudio Brandt, Otávio Verissimo (Internacional); Suzanne Sobral, Idhelene Macedo, Cyntia Rosa, Cláudio Ferreira (Cultura); Maria de Lourdes Tavares, Joyce Russi, Carlos André, Zeila de Freitas (Ciência); Cláudio Ferreira, Idhelene Macedo (Opinião).

Repórteres: Marcelo Feijó, Margareth Evangelista, Margarete Vitória, Sandra Sato, Perla Alves, Reinaldo Freitas (UnB); Maria Cacilda, Benevides, Denise Sá, Fábio Guimarães (Comunidade) Sandra Machado, Adélia Fernandes, João Paganine, Júnia Cláudia, Marluce Paulista (Nacional); Renato Afonso, Regina Celli (Internacional); Heloisa Helena; Hélio Franco, Francisco Henrique (Cultura); Clautenis Lemos, Shirlene Costa, Martha Faria (Ciência).

Fotografia: Rubens Rebouças, Luis Carlos Queiroz, Marcelo Feijó, Cecília Maria, Ana Paula Padrão, Susana Dobal, Cyntia Rosa, Nicolau Elmoor, Cláudio Reis, Reinaldo Freitas.
Laboralista: Jeová Xangô
Ilustrações: Flávio Silveira, Francisco Henrique, Humberto Junqueira, Adriano Valle.

Compromisso com as mudanças da UnB, confiança e competência. Estes foram os critérios usados pelo novo Reitor para a escolha dos novos decanos. A (eterna) falta de professores, são os principais problemas que Cristóvam Buarque vem tentando resolver. O Reitor, em conversa informal ao jornal campus, falou sobre estas e outras questões que exigem solução imediata nos primeiros dias de sua administração.



Democratização: o desafio do Reitor

Não foi uma entrevista, como queríamos. O tempo do professor Cristóvam Buarque, Reitor da UnB, está cada vez mais escasso. Por isso, tivemos uma conversa rápida e informal, bem ao estilo do novo Reitor. Logo na chegada notamos a vontade e paciência do professor em receber todos e discutir tudo que diz respeito a Universidade. A ordem e o desafio são: participação total da comunidade.

Apesar de não ter tido tempo suficiente para colocar as coisas nos seus devidos lugares

e começar a implementação das mudanças necessárias, já se pode notar a nova filosofia que ele pretende implantar.

Com a ajuda e dedicação por parte, também, dos seus auxiliares, já começaram soprar novos ventos no campus. "É necessária a participação total, críticas, sugestões, enfim, tudo o que possa ajudar na mudança da UnB". Aos poucos as coisas vão se arrumando. Os auxiliares mais diretos estão sendo escolhidos, ou já foram, através de critérios

democráticos, e é necessário que os nomeados estejam empenhados na luta pela criação de uma nova Universidade.

Com relação a escolha dos novos decanos, o Reitor declarou que procurou pessoas que tivessem comprometimento com as novas metas da instituição, que fossem competentes e inspirassem a sua confiança.

Quanto a excessiva centralização que havia nos decanatos, ele disse que a partir

Quanto a excessiva centra-

lização que havia nos decanatos, ele disse que a partir de agora o trabalho será mais livre, e o que importa é trabalhar mesmo. A constatação pode ser feita nos diversos órgãos, onde seus titulares estão lutando muito para colocar os decanatos em sintonia com as mudanças necessárias.

Nas administrações passadas houve alguns órgãos que ficaram afastados das principais decisões tomadas dentro da Universidade, é o caso do Conselho Universitário, que

segundo Cristóvam deverá se reunir mais frequentemente e pretende ser uma espécie de Congresso.

Disposto a oferecer melhores condições de ensino, ele afirmou que em breve o Departamento de Comunicação vai receber novos profissionais e novos equipamentos e está trabalhando para que o Campus tenha sua periodicidade reduzida e maior número de páginas.

Os principais problemas encontrados na UnB foram a questão dos salários e falta de professores. Com relação a remuneração o professor Cristóvam conseguiu a aprovação do novo plano de cargos e salários, elaborado pelo seu antecessor e que necessitava de uma urgente apreciação pelo MEC e a aprovação pelo CISE - Conselho Interministerial de Salários e Empregos. Sobre o segundo problema, por ser uma questão mais difícil, ele espera contar na Universidade com os serviços de profissionais do próprio GDF, e outros órgãos da Administração Federal. Entendimentos nesse sentido já estão em andamento. As requisições são necessárias em virtude da proibição de contratação de novos professores, estabelecido por decreto presidencial de 5 de julho deste ano.

Perguntando sobre a indicação de representantes para a Biblioteca, Bandeirão e CPD, o professor Cristóvam respondeu que pretende fazer uma consulta aos funcionários e usuários de cada setor. A respeito da escolha do Vice-Reitor, pretende levar ao Conselho Universitário a proposta de eleição direta e em um único turno. (Reinaldo Freitas e Margarete Vitória).

Decanatos: novas propostas

Animados e com muitas propostas a serem realizadas, os cinco decanos da nova Administração da UnB, tomaram posse no dia 20 de agosto último. Segundo o professor Volnei Garrafa, Decano de Extensão, "a UnB durante muitos anos esteve com a garganta trancada e, agora, chegou o momento dela falar". Para ele, "a UnB parecia uma represa, um dique e, com a posse do novo reitor, ela foi aberta e todos querem participar dessa abertura, com novas ideias e propostas".

REENCONTRO

O novo decano de Extensão é um gaúcho formado em Odontologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, com cursos de Pós-graduação na USP e Doutorado na UNESP. Sócio-fundador da ADUnB e presidente no período de 1980 à 1982, o professor Volnei sempre participou ativamente dos momentos decisivos da UnB. Em 1979 foi editor do Boletim da ADUnB, onde fazia sérias denúncias contra as arbitrariedades do reitor Azevedo, e pela sua ação política contundente esteve, por várias vezes por ser demitido.

O professor Volnei diz ter en-

contrado o Decanato muito organizado pelo Decano em exercício, professor Murilo Cesar Ramos. Sua meta prioritária agora, é promover o reencontro da UnB com a comunidade universitária, com o Distrito Federal e com todo Brasil. Apeaar de contar com poucos recursos financeiros para atender às ambições do reitor, o Decanato de Extensão pretende ser um dos pilares básicos da UnB democrática.

DAF: DESCENTRALIZAÇÃO

Se por um lado, o professor Volnei encontrou a casa já arrumada, o mesmo não aconteceu com o decano de Assuntos Financeiros, professor Flávio Versiani. Segundo Versiani, o Decanato de Assuntos Financeiros precisa ser colocado em ordem o mais rápido possível. Existe uma centralização exacerbada que impede o bom funcionamento do decanato e compromete o processo de tomada de decisões democráticas na UnB de agora.

O professor Flávio Versiani é um economista, formado pela Universidade Federal de Minas Gerais, com cursos de Mestrado e Doutorado, nos Estados Unidos

e Inglaterra, respectivamente. Ex-chefe do Departamento de Economia, vice-presidente da ADUnB e atualmente membro do Conselho Nacional de Economistas.

Um dos primeiros passos a ser tomado é a descentralização do Decanato, dando mais autonomia aos diversos departamentos para elaborar seus próprios gastos, sem passar pelas mãos do decano. O professor Flávio afirma que, na Administração anterior, a simples compra de uma lâmpada para o Departamento precisava ter a aprovação do DAF, num longo processo burocrático. "Daqui para frente, tudo isso deve ser mudado", diz o Decano. Os Departamentos e as Unidades terão mais autonomia e receberão verbas para fazer seus gastos rotineiros.

DPP: INCENTIVO

Para o Decano de Pesquisa e Pós-Graduação, professor Isaac Roithmann a "coisa não está boa" no seu decanato. A atividade de pesquisa na UnB está em crise. A UnB, segundo o professor Isaac, perdeu muitos professores e pesquisadores ao longo desses

anos em que a Universidade esteve nas mãos do reitor Azevedo. Muitos foram vítimas de perseguições políticas e outros saíram por causa dos baixos salários. A nova Administração pretende incentivar mais o pesquisador, dando-lhe todas as condições necessárias para desenvolver suas pesquisas.

O professor Isaac é titular do Departamento de Biologia Celular, com três estágios de doutorado no exterior e sócio da ADUnB. Ele diz que a UnB não pode ficar parada. Deve se pensar no futuro e na renovação de pesquisadores. Estimular as áreas antes reprimidas. Para isso, a Universidade deve se voltar para a área da pesquisa aplicada. "Espaço temos", afirma Isaac, "precisamos é ser leais aos padrões internacionais do saber."

DAC: UNIÃO

Já o espanhol Antonio Ibanes Ruiz, decano de Assuntos Comunitários, doutor em engenharia Mecânica, a primeira coisa a ser feita é traçar uma política básica dentro da UnB que atente às reivindicações dos três segmentos que formam a UnB: Alunos pro-

fessores e funcionários. Para Ibanes, o que falta na UnB é um ideal maior que una cada um desses segmentos. "Unir esses três segmentos", diz Ibanes, "é um desafio sério que deve ser vencido, para o bem de toda a nossa comunidade". Para realização desse objetivo maior, o decanato de Assuntos Comunitários pretende ouvir a todos aqueles que tenham algo a dar.

DEG: PARTICIPAÇÃO

O Decanato de Graduação, sob a chefia da professora Paulina de Freitas Targino, precisa ser urgentemente modificado. Há várias coisas a serem mudadas. O Decanato está centralizado, cheio de problemas que podem ser resolvidos a nível de departamentos. Problema como vaga em disciplinas, que deve ser resolvidos entre o professor e o aluno, ficava nas mãos do DEG. A proposta inicial da professora Paulina é resolver problemas mais complexos, que vão desde o jubileamento ao desligamento. Ela pretende humanizar estes processos, fazendo com que a UnB se interesse e participe mais da vida acadêmica de cada aluno.

Escreva que o Campus publica

Que a Universidade deve mudar é uma constatação que todo o país faz. Mas de que forma deve se dar essa mudança? Qualquer que seja a fórmula encontrada, todos também concordam que ela deva se apoiar sobre um único alicerce: uma Universidade democratizada, a serviço da ciência e da comunidade.

Pois foi justamente com o pensamento voltado para essa nova Universidade que promete emergir dos escombros da Velha República que o CAMPUS inaugura um novo espaço em suas páginas: UNB/DE-NÚNCIA. Uma coluna a serviço da comunidade,

capaz de suscitar debates, apontar falhas, estimular a participação e fornecer elementos que aproximem a atual Administração do meio acadêmico.

COLUNA DIALOGO

A partir da próxima edição, a comunidade passa a contar com um novo espaço neste jornal. De uma maneira mais informal, a coluna visa estabelecer um contato e permitir a ocupação de uma lacuna histórica na UnB, ou seja, o resgate do diálogo entre a comunidade e a administração.

Numa perspectiva de democratização da comu-

nicação, pretende-se dar espaço a questionamentos e sugestões que tenham como premissa colaborar de maneira eficaz para o aprimoramento do processo de redemocratização da UnB. Nesse sentido, a redação do jornal abre suas páginas para receber perguntas de toda a comunidade, encaminhá-las à administração e publicar as respostas que forem selecionadas. Desejamos contar com a ampla participação de alunos, professores e funcionários e para tal pedimos que encaminhem suas perguntas à redação do jornal Campus, Deptº de Comunicação.

Engenharias se mobilizam contra "lei dos técnicos"

Um decreto, entre as muitas decisões autoritárias tomadas pelo ex-Presidente João Figueiredo (ao final de seu Governo), regulamentou a polêmica lei nº 5.524, debatida 16 anos sem resultados, que facultava aos técnicos de nível médio o direito de exercer funções de nível superior nas áreas de Engenharia, Arquitetura e Agronomia. Já, em 1969, havia pronunciamentos contra a "lei do super-técnico", que alegavam ser mais interessante reformular esta lei, em face da inconsistência de alguns de seus dispositivos, ao invés de se regulamentá-la.

Segundo o Conselho Federal de Engenharia, Arquitetura e Agronomia, o decreto é bem mais prejudicial que a própria lei. Isso porque vai ao absurdo de, por exemplo, permitir a um técnico de 2º grau, da área de eletricidade, ser responsável por projetos de execução de instalações até 800 kva, e responsabilizar-se pelo projeto e construção de uma usina com capacidade para 120.000 litros diários.

CONSEQUÊNCIAS

Desde fevereiro, quando foi assinado o Decreto, o que se percebe é uma crescente substituição de profissionais habilitados por

técnicos insuficientemente preparados, uma vez que estes podem desenvolver o trabalho, pelo menos em termos jurídicos, por um salário menor. Mas até que ponto este fato não compromete a qualidade do serviço?

O desinteresse pelo ensino de 3º grau é outra séria consequência. A partir do ponto de vista econômico, não há estímulo para um jovem passar seis anos estudando na Universidade, sendo que um curso técnico e rápido pode garantir sua participação no mercado.

Universidade é sinônimo de pesquisa. Rosalvo de Oliveira Júnior, aluno de Agronomia e representante da Comissão criada para estudar os efeitos da aplicação do decreto, pelo Centro Acadêmico, pergunta quem vai pensar o Brasil do ano 2.000, sem a pesquisa. O prejuízo é da tecnologia nacional. Num futuro próximo, o nosso país irá limitar-se a digerir pacotes científicos importados.

Escolas, milhares de estudantes, entidades de classe e sindicatos vêm manifestando-se, em todo o país, contra o decreto. Esta luta vai culminar, no próximo dia 18, numa mobilização nacional pela revogação da "lei do super-técnico".

Futuro da Estética no Cinema

Estarão abertas a partir do dia 10 de setembro, na Diretoria de Assuntos Acadêmicos — DAA, as inscrições para o Seminário "Perspectivas Estéticas do Cinema Brasileiro", patrocinado pelo Departamento de Comunicação da UnB e pela Fundação Cultural do DF. Poderão participar alunos e professores da UnB e de outras Universidades e também profissionais de cinema e cineclubistas.

Os debates serão realizados no Auditório Dois Candangos entre os dias 26 e 30 de setembro, com a seguinte programação:

Dia 26/09 — "Perspectivas Estéticas do Cinema Latino-Americano". Participação de Fernando Birri (Argentina); Pastor Vega (Cuba) e José Carlos Avelar (Brasil).
Dia 27/09 — "Cinema Brasileiro, Os Anos 70". Participação

de Cacá Diegues, Ismail Xavier e Ipojuca Pontes.

Dia 28/09 — "Perspectivas Estéticas do Cinema Brasileiro I" — Participação de Silvio Tendler, Werner Schunmamm, Inimá Simões e Antonio Calmon.

Dia 30/09 — "Perspectivas Estéticas do Cinema Brasileiro II". Participação de Nelson Pereira dos Santos, Geraldo Moraes, Denoy de Oliveira e Victor Almeida.



ESTÁGIOS

O DAC - Mercado de Trabalho oferece estágios para os seguintes cursos: Comunicação, na Telebrás uma vaga e no MIC(1)***Administração, na Embrapa(1)***Biblioteconomia, no MIC(1), Pinheiro Neto(1)***Ciências Contábeis, MIC(1)***Direito, no INCRA(2)***Economia, no MIC(6), INCRA(2), IPEA(4), Telebrás(1)***Educação Física, IDR(1)***Eng. Civil, EBTU(2), Tectou(1), Prólogo(1)***Elétrica, na Embratel(1), CEB(10), MIC(1)***Mecânica, no STI(1)***Psicologia, no IPEA(2)***P. de Dados, na CEB(3)***Química, no MIC(1), STI(1)***Além desses estágios estão sendo oferecidas vagas para monitorias em diversos departamentos.

CURSOS DE EXTENSÃO

O Departamento de Biologia Vegetal oferece o curso de "Vegetação e solos do cerrado" de 02 a 07/09, na Fazenda Água Limpa.***Pelo Deptº de Letras "Seminário Encontro de Linguística" de 11/09 a 31/10 para alunos da Graduação e de 11/09 a 21/10 para Pós-Graduação. "Curso de Iniciação à Língua Inglesa", pra funcionários de 03/09 a 28/11***O Deptº de Artes oferece: "Teclado para regentes e compositores" de 18/08 a 29/11. "Curso especial sobre a interpretação do oratório de Natal de Bach" de 02 a 20/09. "Curso preparatório de música", de 10/09 a 14/11. "Alan Berg - Cem Anos (1885-1985) Ciclo de palestras, de 23 a 27/09 das 14 às 18 horas***Pelo

Deptº de Desenho, "Curso Oficina de experimentação artística, de 11/09 a 18/12***Deptº de Medicina, curso "Terapêutica clínica" de 09/09 a 28/09. Curso "Atualização em exercícios de Enfermagem" de 03/09 a 07/11***Deptº de Eng. Elétrica oferece para funcionários o curso "Introdução a Programação de Microcomputadores" de 14/08 a 27/09+**Pelo SENAI, "Fundamentos de Processamento de Dados aplicados à Engenharia e à Arquitetura" de 26/08 a 16/09 e 16/09 a 04/10 das 19 às 22 horas, informações tel: 225-1328***

SEMINÁRIOS E CONFERÊNCIAS

Pelo Deptº de Física "Seminários de Matéria Condensada" todas as quintas-feiras***O Centro de Estudos das Ciências da Saúde e o Decanato de Extensão-UnB promovem o "Seminário O Homem Inteligente e suas Interações com o Universo" de 26/08 a 20/09, maiores informações com o prof. Lugarnho(CIS)***II Semi-

nário sobre o Ensino da Arquitetura-SEA" pela Associação Brasileira de Escolas de Arquitetura e Instituto de Arquitetura e Urbanismo-UnB, de 04 a 06/09 no auditório da Faculdade de Tecnologia — Campus UnB, informações tel: 274-0022 ramal 2330/2450***O Deptº de Matemática promove Conferência "Scattering Theory For Moving Obstacles" com o prof. Veseliu Petkov do Inst. de Mat. da Acad. Ciências da Bulgária, DIA 9/09 na sala de Matemática. "II Reunião conjunta da SBMAC-SBE" a Sociedade Bras. de Mat. Aplicada e Computacional e SBE divulgam que a reunião será dias 05 e 06/09, no Matemática***O Deptº de Planejamento e Adm. divulga a seguinte atividade "Oficina Experimental de Expressão Artística (artes plásticas), de 11/09 a 11/12 das 14 às 16 horas. São 18 vagas e a inscrição é feita pelo ramal 2123+* O Projeto Primavera da Eng. Civil continua com as suas atividades junto a comunidade de Planaltina de Goiás (Brasilinha). Maiores informações no

C.A. da Civil ou no Deptº (ramal 2310)***"Semanas Abril de Comunicação" de 18 a 20 e 23 a 25 de setembro. Palestras: "Perspectivas do Jornalismo Brasileiro" por Alberto Dines, "Jornalismo Feminino" Fátima Ali (Rev. Nova); "Jornalismo Político" por Edevaldo Dias (Veja-DF); "Fotojornalismo" por Orlando Brito (Ed. Foto da Veja e, "Publicidade em Revista" por Oswaldo de Almeida***

OUTROS/OUTROS/OUTROS

"III Curso Latino-americano em análises de estratégias e políticas de desenvolvimento científico e tecnológico" e o "IV Curso de especialização em política científica e tecnológica", dias 16/09 a 14/12 será promovido por: Min. Ciência e Tecnologia - MCT / CNPQ / SEPLAN/Cendec e apoio da OEA. Inform. no CNPQ no fone 226-6511***"III Curso de Planejamento da Circulação Urbana", pelo Deptº de Urbanismo de

01/09 a 01/07/86(inscrições encerradas)***"VI Congresso Brasileiro de Economistas": Por uma nova ordem social e econômica-teses para constituinte. Patrocínio: Cons. Federal de Economia-DF***A Editora-UnB continua com a sua promoção de descontos em todas as suas obras (40%), em suas co-edições, descontos de 20% e para os alunos carentes mais 10% sobre os outros descontos***"I Semana da Eng. Florestal será de 16 a 21/09". Florestal já tem C.A. e sua sede é ao lado do Correio***

ESPORTES

Estão sendo oferecidas turmas de iniciação e aperfeiçoamento em: Natação às terças e sextas-feiras, das 12:30 às 13:30 horas. Musculação às segundas, quartas e sextas nos horários de seis da manhã às 20 (aulas de uma hora), informações na AAAUnB-Centro Olímpico***"Projeto Encontro Marcado: dia 10— Antonio Callado, dia 11 — Marina Colasanti, dia 12/09 — Márcio Souza***

Salão Comunitário da Ceilândia: a arte de crianças e idosos

Dar emprego e orientação às crianças e idosos carentes para que desenvolvam suas potencialidades são os principais objetivos do trabalho que vem sendo feito na Ceilândia. Trata-se de um Salão Comunitário onde crianças ao invés de passarem o dia à-toa, aprendem a criar tecidos e tapeçarias. "Não é uma Assistência comum. É todo um trabalho de aprendizado e as crianças ganham por produção", afirma Jane Zanatta, 1ª Secretária do movimento. "Se a peça é vendida, uma parte do dinheiro é do artista e outra da instituição".

A idéia do Salão Comunitário mais conhecido na Ceilândia como "obra", partiu de um grupo de pessoas que ao visitar Betim (MG), viu um trabalho semelhante implantado há 15 anos. "Nós achamos que daria certo aqui", explica Zanatta; "no início foi difícil. A maior preocupação era o dinheiro para pagar as pessoas, pois tínhamos dívidas de mais de Cr\$ 7,5 milhões na compra de teares, matéria-prima e contratação de pessoal técnico de Betim para ensinar nossos artistas. Agora, estão quase todas liquidadas e, apesar de estarmos funcionando há 4 meses, conseguimos registro na Secretaria de Serviço Social e já pedimos recursos para aquisição de material, pois precisamos atender mais pessoas pagando o que elas merecem. Depois da Exposição realizada na Aliança Francesa mês passado, ficamos mais otimistas, pois conseguimos vender quase todas as peças", conclui Jane.

E a opinião dos artistas, no total 20 crianças e 10 adultos, não difere muito do que disse Zanatta: Joselito de Oliveira, 15 anos, trabalha com tapeçaria, assegura que "aqui a gente tem chance de subir na vida. Já consegui Cr\$ 77 mil de uma vez e eles dizem que vai melhorar". Segundo Joselito, sua mãe não acha suficiente, e queria tirá-lo da

Obra, mas ele não quer sair. Outra artista, D. Maria dos Santos, 59 anos, conhecida como Maria Caneleira, trabalha com uma "canelinha", preparando a linha que vai para o tear. "Gosto do meu trabalho. Já ganhei Cr\$ 40, 50 e até Cr\$ 70 mil e tá bom, porque em casa parada não ganho nada". Uma das meninas que trabalha no tear, Luzimar, 15 anos, apesar de fazer o 1º ano do 2º grau, quer mesmo ser artesã: "No início pensei que fosse um curso e que depois teria que sair para dar lugar a outra pessoa, mas além de poder continuar, comecei a ganhar dinheiro".

Este não é o único trabalho desse tipo existente no DF. Segundo Marlene Moraes Rêgo, da Fundação do Serviço Social, há 128 instituições de Assistência registrada na Secretaria de Serviço Social. "São obras de iniciativa particular de igrejas ou credos, mas com a mesma característica: ensinar um ofício e pagar pelo que é produzido". Há pelo menos uma instituição em cada satélite, com produtos bem variados, sabão, tijolos, compotas, picles, doces, dentre outros. (Denise Sá)

Luis Queiroz



Artistas ganham pela produção



Com o começo das obras a ciclovia do Lago deverá ter seus trabalhos concluídos em novembro

Ciclovias do DF: problema ou solução?

A cidade-satélite do Gama ganhou, no início de 1982 uma ciclovia, mas passados quase quatro anos de implantação, tanto a administração como os moradores não tomam nenhum conhecimento da obra. Razões existem, e muitas.

O principal problema é o traçado da pista, que em momento algum atende às reais necessidades dos ciclistas. A Ciclovia passa por parte do Setor Central, pegando um pouco da Área sul do Gama, mas sempre fora das áreas mais movimentadas, como os locais de indústria e comércio, levando o ciclista a procurar as vias destinadas aos carros.

Segundo Luciano Gois Vieira, da Diretoria de Desenvolvimento de Transporte da EBTU (Empresa Brasileira de Transporte Urbano), não há necessidade de uma ciclovia no Gama, devido ao pouco tráfego de carros. Por outro lado, as avenidas são incompatíveis com a própria estrutura urbana, isto é, há muito espaço para pouco automóvel facilitando o uso da alta velocidade, o que passa a ser um

perigo para os ciclistas que preferem as vias principais. Raul Teixeira da Costa Júnior, da Seção de Cadastro da Administração Regional do Gama, também concorda com a inviabilidade de uma ciclovia nesta satélite. "A ciclovia é importante em cidades que contam com uma certa auto-suficiência, onde as pessoas possam trabalhar nas cidades que residem, o que não acontece com o Gama, que se caracteriza por ser uma cidade dormitório". Para Raul, este é um exemplo de que "na verdade, como em Brasília a disponibilidade de recursos é muito grande, é normal termos as vezes obras de nenhuma valia".

Mas se no Gama a ciclovia não gera polêmica, o mesmo não se pode dizer desse mesmo projeto levado à área nobre do Distrito Federal, o Lago Sul. Ao primeiro sinal da idéia de se construir uma via especial para os ciclistas, foi o suficiente para que os primeiros protestos surgissem por parte dos moradores residentes em casas próximas ao Lago Paranoá, as chamadas "pontas de picole", devido à

intenção do Governo do DF em utilizar as áreas invadidas por esses moradores para o uso comum da população. Para Paulo José Maestralli, residente na quadra 8, conjunto 6, casa 20 do Lago Sul, a construção da ciclovia é um capricho do governador: "Antes de se pensar em ciclovia, o governo do DF deveria prestar maior atenção para as carências existentes nas cidades-satélites". Além disso Maestralli aponta o que, a seu ver, será o maior problema criado pela ciclovia: a falta de segurança. Já o estudante Júlio César Lawall, 20 anos, que mora na QI 23, conjunto 7, casa 03, acha que a ciclovia vale a pena: "É mais um local para andar de camelinho". Admitindo porém, que as vias destinadas ao tráfego de carros não serão esquecidas pelos ciclistas.

Porém, apesar de protestos, abaixo-assinados e, experiências mal sucedidas, a ciclovia do Lago Sul começa a tomar forma neste mês de setembro, para o lazer de uns e tormento de outros. Fábio Henrique C. Guimarães

AGENDA /DF

A agenda elaborada pela Funarte e pelo Detur para esse 2º semestre está repleta, tanto de eventos esportivos e culturais como de festivais e exposições.

Em termos de esporte, o semestre começa com a 2ª Maratona de Brasília, em outubro, contando com a participação de atletas de todo o Distrito Federal. Prossegue em novembro com o Lago Paranoá sendo o palco da Copa Norte/Nordeste de Remo que se realizará de 13 a 15 e também do Campeonato de Velas do Centro-Oeste, de 14 a 17; terminando com a Prova

de Ciclismo 100 Km de Brasília que será promovida pela Confederação de Ciclismo do D.F.

Agora, se você prefere cultura, o Detur e a Funarte também se encarregaram de enriquecer esta área. Na semana de 23 a 29 de outubro terá lugar, no Centro de Convenções, a IV Feira do Livro de Brasília. Um acontecimento que promete movimentar a cidade, no entanto, será o XVIII Festival de Brasília do Cinema Brasileiro, também em outubro no Cine Brasília. A Fundação Cultural promoverá, em novembro, o XIX Encontro Nacional de Escritores, na pró-

pria Fundação. O artesanato marca sua presença no final do semestre com a V Mostra de Artesanato da Região Centro-Oeste, em novembro, e a IV Feira de Artesanato de Brasília (IV FEABRA) de 18 a 22 de dezembro.

A programação musical fica a cargo da Funarte, que neste mês de setembro apresenta, dentro do Projeto Pixinguinha, os shows com Jamelão, Nora Ney, Célia e o Grupo Invoquei o Vocal, nos dias 2, 3 e 4. Sivuca, Glorinha Gadelha, Waldir Mansur e Marco Pereira se apresentarão de 9 a 11; Letícia Garcia mostrará seu show Maga Ma-

quiavérica em Canturbano de 13 a 15 e os grupos Finis Africae, Plebe Rude e Liberdade Condicional, entre outros farão, na segunda quinzena de setembro o "Rock Funarte". Todas as apresentações serão na Funarte.

Para outubro já está programado o VII Festival da Casa Thomas Jefferson de Jazz de Brasília, no Centro de Convenções; em novembro o Teatro Nacional abrirá suas portas para os participantes do VIII Festival de Dança Clássica e Moderna fechando, em dezembro, com o IV Festival de Músicas do Núcleo Bandeirante, no Cen-

tro de Convenções.

Os eventos sociais e de ordem técnico-especializados se iniciam com a II Feira da Criança de 8 a 14 de outubro no Centro de Convenções. No setor da Pecuária, haverá, no Parque de Exposições da Granja do Torto, a II Feira de Bezerros e Novilhos de Brasília, dia 27 de outubro. O Centro de Convenções sediará de 4 a 8 de novembro o Seminário Internacional de Relações Públicas; e de 25 a 29 o VIII Contur-Congresso Nacional de Turismo juntamente com a II Fenatur — Feira Nacional de Utilidades Turísticas. (Rosani Aparecida Frutuoso)

Quem é quem na Reitoria da nova UnB

O que não falta é serviço na tarefa de reconstruir a Universidade.

A equipe administrativa, que vem sendo montada desde a posse

do novo Reitor — e que tem trabalhado durante a noite e até aos sábados — quer, como metas principais, acabar com a

centralização excessiva e executar uma administração transparente. Estes são os novos responsáveis pelos diversos Centros de Custos.

Reportagem de Sandra Sato, Perla Alvez e Margareth Vitória

Fotos de Ruben Rebouças e Luis Queiroz

Assessoria Jurídica

O advogado José Geraldo de Souza, Presidente da Comissão de Direitos Humanos da OAB/DF, assumiu, no último dia 28, a Assessoria Jurídica, que esteve sob o comando de Hermenito Dourado, durante 15 anos. Segundo José Geraldo, a função da AJU é a de orientar a Reitoria e seus órgãos no sentido de legitimar atos e acordos conforme os objetivos legais da entidade, no que diz respeito à institucionalização de projetos educacionais e convênios. Responsabiliza-se, também, pela defesa da UnB em relação ao descumprimento de contratos por

parte de terceiros e aos conflitos que se dão nos fatos da administração como, por exemplo, nas relações de trabalho.

Um dos objetivos de José Geraldo é transformar a Assessoria Jurídica num órgão da comunidade, que não se limitará a revidar provocações mas estará sempre procurando respostas, independentes de questionamentos. José Geraldo também espera que alunos, professores e funcionários que atuaram no processo sucessório continuem participando na tentativa de institucionalizar os canais de comunicação com a reitoria.

Assessoria de planejamento e Controle

Tania Costa é a nova coordenadora da APC. Segundo Tania, este centro de custo tem sido exclusivamente uma assessoria de controle, porque anteriormente a maioria dos planos eram rejeitados, o que desestimulou a criação de novos projetos. A sua proposta é a de transformar o órgão numa verdadeira assessoria de planejamento. Uma de suas idéias é montar um arquivo de todos os projetos da Universidade como fonte de informação e execução de novos planos. Já

existem na APC projetos administrativos trazidos por uma equipe de técnicos alemães e que, para serem utilizados na UnB, basta sofrerem pequenas adaptações. Segundo Tania, há uma grande demanda de informações, pois as existentes são distorcidas. Esta situação pode ser alterada com a criação de um centro de informática que atenda as necessidades da comunidade, o que poderia ser realizado pelo CPD, caso este não fosse um órgão centralizado e fechado.

Gabinete do Reitor

Quem chefia hoje, o Gabinete da Reitoria, é o ex-estudante do Departamento de Economia e ex-sub-chefe do Ministro Fernando Lyra, Ivôneo Barros Nunes. Seu papel é o de assessorar diretamente o Reitor, transmitindo informações, dando pareceres e representando-o junto aos Decanos. O chefe de Gabinete é um cargo de confiança, isto é, tem conhecimen-

to de todos os assuntos que chegam ao Reitor. Segundo Ivôneo, a prioridade neste início de gestão foi solucionar o problema de cursos paralisados por falta de professores, devido ao decreto nº 91.403, que proíbe novas contratações.

Reestudado o decreto, concluiu-se que existe a possibilidade de se efetivarem estas contratações, desde que a falta de profissionais ponha em risco o funcionamento da instituição.

Outra maneira que vem sendo adotada para sanar o problema de recursos humanos da FUB, é através da requisição de funcionários de órgãos públicos federais. Estes servidores são cedidos sem ônus para UnB, ou seja, mantido pelo seu órgão de origem. Esta prática é a solução encontrada para a crise de contratação por que passa a UnB e o governo está disposto a ajudar, já que vê com bons olhos a nova administração do Reitor Cristóvam Buaque.

As primeiras medidas a serem adotadas pela Reitoria e que deverão acontecer nos próximos dias, será uma reforma administrativa global. Nestas mudanças é que serão traçadas as novas metas de trabalho do DAD. O que se pretende também, com a reforma, é dar mais autonomia aos centros de custos, para que possam administrar os seus próprios orçamentos. Será feita também uma consulta à comunidade quanto a forma de descentralização do DAD, através de sugestões que avaliem a reestruturação administrativa.

Diretoria de Administração

Aloisio Cesar Rabelo Machado, o novo Diretor de Administração, encontrou este Centro de Custo funcionando normalmente, já que a gestão anterior não havia efetuado mudanças na parte administrativa. Segundo ele, ainda não há propostas concretas para o DAD e para os demais serviços subordinados àquele órgão, já que todas as chefias estão respondendo interinamente pela administração.

Conforme Aloisio, esta reestruturação proposta pelo professor Cristóvam e pelo Decano de Administração e Finanças, professor Flávio Versiani, prevê a colaboração de técnicos de orãos externos. Essas pessoas possibilitariam uma visão menos tendenciosa da nossa realidade. Aloisio aponta como uma das alternativas para a solução do problema de excesso de centralização das informações da FUB a adoção de uma política de informática que vise a descentralização através da racionalização de processos administrativos por microcomputadores. Cita como exemplo a grande dificuldade que se tem em conseguir a posição financeira diária. "Se tivéssemos um terminal acoplado diretamente ao CPD, o problema estaria sanado."

Serviço de Pessoal

O novo serviço de pessoal está sendo dirigido por Tércio Firminiano de Oliveira. Uma das primeiras medidas a serem tomadas pelo PES é a avaliação do quadro de pessoal da FUB, e dos problemas existentes



ASSESSORIA JURÍDICA
AJU

ASSESSORIA DE ASSUNTOS ESPECIAIS
AAE

ASSESSORIA DE PLANEJAMENTO E CONTROLE
APC

CENTRO DE PROCESSAMENTO DE DADOS
CPD

BIBLIOTECA CENTRAL
BCE

EDITORA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
EDU

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

(DIRETORES)
CONSELHOS DEPARTAMENTAIS



DECANATO DE ENSINO
DEX

CÂMARA DE EXTENSÃO

DECANATO DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
DPP

CÂMARA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO

DECANATO DE ENSINO DE GRADUAÇÃO
DEG

CÂMARA DE ENSINO DE GRADUAÇÃO

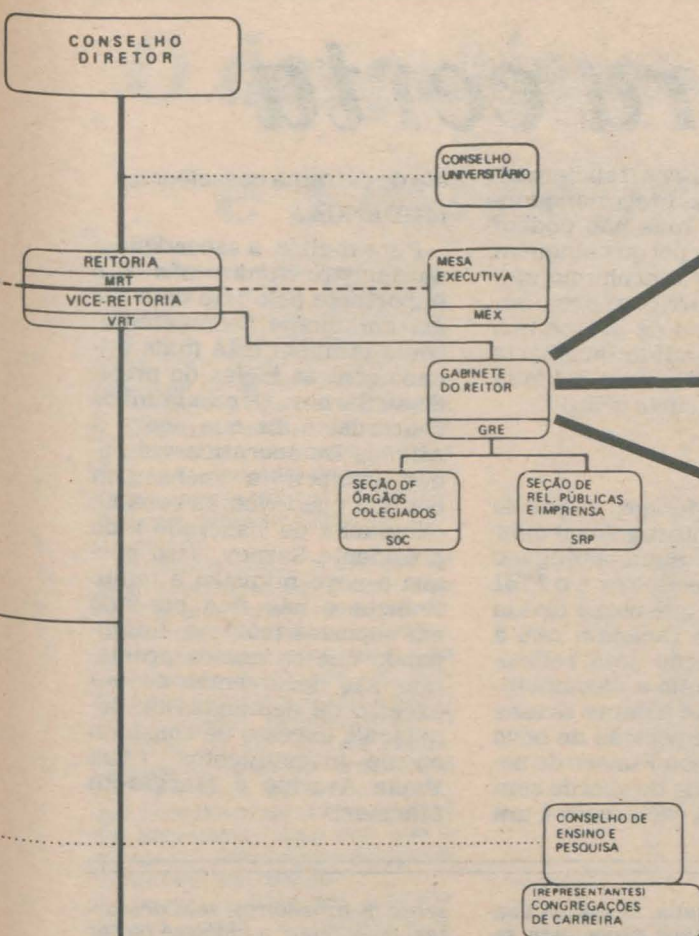


na área de recursos humanos. A solução encontrada pela Reitoria foi a criação de uma comissão de alto nível que fará um levantamento criterioso da relação existente entre o número de professores, número de alunos (graduação e pós-graduação) e demanda de serviços por número de funcionários existentes nos Centros de Custo.

Pretende-se, também, a melhoria das condições de trabalho através de um estudo dos laboratórios e dependências de serviços da Universidade. Dentro deste levantamento, estará incluída a aquisição de equipamentos protetores para os funcionários, bem como o pagamento de insalubridade para aqueles que não a recebem. Esta comissão estudará a possibilidade de transformar o atual Serviço de Pessoal numa Diretoria de Recursos Humanos, que implante uma política de pessoal.

Serviço de Material

Para não fugir à regra, o Serviço de Material, hoje dirigido por Túlio Azi Campos, enfrenta também suas dificuldades. Citamos



Esta é a equipe administrativa escolhida, para juntamente com o Reitor e a comunidade, levar à frente a nova UnB.

- 1 — José Geraldo de Souza
- 2 — Tania Costa
- 3 — Ivoneo Barros Nunes
- 4 — Gódiva Vasconcelos Pinto
- 5 — Norma Sueli Jesus Araujo
- 6 — Volnei Garrafa
- 7 — Isaac Reutmann
- 8 — Paulina de Freitas Targino
- 9 — Antonio Ibãnez Ruiz
- 10 — Flávio Versiani
- 11 — Fernando Ferreira de Paula
- 12 — Aloisio Cesar Rabelo Machado
- 13 — Têculo Firminiano de Oliveira
- 14 — Tulio Azi Campos
- 15 — José Pelegrino Sampaio
- 16 — Ronaldo Mala

Diretoria de Engenharia

Fernando Ferreira de Paula, responde interinamente pela Diretoria de Engenharia e diz que sua função no momento é a de manter esta unidade funcionando normalmente. As diretrizes de seu setor só serão estabelecidas com a implantação do Projeto Prefeitura.

A DEN hoje, se ocupa da manutenção e atendimento de solicitações aos Serviços de Obras, Serviços de Obras Complementares (Alvenaria, Carpintaria, Pintura, Parques e Jardins, Produção Industrial), Serviço de Instalações (hidro-Sanitário, Eletricidade, Telefonia) e Serviço de Transporte e Zeladoria. Estes serviços passariam a ser administrados pela Prefeitura, permitindo assim que a Diretoria de Engenharia volte a realizar as suas reais funções.

Diretoria de Assuntos Acadêmicos

A professora Daisy Costa Leininger, membro da Comissão Permanente de Vestibular (COPEVE), foi empossada em 3/09/85 como a nova Diretora de Assuntos Acadêmicos. Daisy tem como meta principal uma reavaliação dos trabalhos da DAA, e pretende apontar, com isso, o grau de eficiência e pontos críticos existentes. Para tanto, já foi enviado um documento aos chefes de departamentos solicitando sugestões para a melhoria de atendimento da DAA. Estas solicitações, posteriormente, se estenderão para funcionários e alunos. A diretora tem o maior interesse na participação estudantil nesta avaliação, pois, segundo Daisy, os alunos são os clientes diretos da DAA.

Editora

O professor Timothy Martin Mulholland, que esteve interinamente dirigindo a Editora da Universidade, na administração Luis Otávio, foi reconduzido ao cargo de Diretor deste Centro de Custo pelo atual Reitor. A primeira medida a ser tomada pelo professor Timothy é a execução do programa de Apoio ao Texto Didático, que estimulará a produção de textos básicos para o ensino superior.

Segundo ele, no momento, o mais importante é o trabalho de assessoria editorial à comunidade na produção científica e cultural.

como exemplo a aplicação até a semana passada, do decreto lei 200 e do Ato da Reitoria nº 092/71, que regia a compra na Universidade. Esta compra de bens de consumo até entrar o novo Ato, previa a licitação para valores inferiores a Cr\$ 12.506.600. Atualmente, com a aplicação do art. 264/85, prevê-se a licitação somente para valores acima de cem vezes o Maior Valor de Referência ou seja Cr\$ 1.671.067.

Estas medidas, segundo Campos, vêm ao encontro de uma proposta unânime de agilização dos processos de compra de material há muito tempo desejada pelos centros de custos. A aquisição dos produtos continuará sendo realizada através da licitação, do convite, da tomada de preços e da concorrência.

Contabilidade e Tesouraria

José Pelegrino Sampaio, chefe do Serviço de Contabilidade, e José Sinval Mascarenhas, chefe da Seção Tesouraria, pretendem desenvolver um trabalho conjunto e uma administração transparente. De

acordo com Pelegrino, a informática é um elemento chave para melhorar o desempenho de seu setor e, devido a isto, é urgente a instalação de microcomputadores.

Serviço de Patrimônio

Ronaldo Mala, responsável pelo Serviço de Patrimônio da FUB, pensa que modificações prementes são necessárias para que este sistema funcione com eficiência. Cita, como exemplo, a concentração

de carga patrimonial dos centros de custos em nome do Secretário do Departamento. Conforme Ronaldo, os próprios agentes setoriais não sabem e nem conhecem os bens patrimoniais que lhes competem a

guarda.

Outra grande dificuldade para o PAT é o conserto destes equipamentos, o que hoje está diretamente ligado à Oficina Técnica de Manutenção que por falta de verba e de pessoal especializado, muitas vezes se vê na impossibilidade de reparar o material.

Na sua opinião as soluções seriam: incumbir o próprio usuário da responsabilidade do material e uma ação conjunta entre o PAT e o Serviço de Proteção ao Patrimônio no sentido de evitar a saída destes equipamentos do ICC.

O PAT é também responsável pela guarda e conservação de 51 projeções que a FUB possui na Asa Norte, construídas e outras esperando que se adote uma política habitacional que beneficie professores e funcionários da UnB.

Serviço de Protocolo e Arquivo

Está respondendo, atualmente, pela Seção de Protocolo e Arquivo, José Silvino Filho. Segundo ele, uma das dificuldades que vem enfrentando em seu setor é a escassez de recursos e a falta de autonomia da Seção.

A SPA presta os seguin-

tes serviços para a comunidade: Arquivo Corrente-Protocolo, Expedição e Recebimento da Correspondência Externa, Sistema de Telex (está desvinculado do Sistema Central instalado na Biblioteca) e microfilmagem, pelos sistemas convencionais e computadorizados.

Com vários anos a frente desta Seção, Silvino pretende transformá-la em Serviço, informatizar o Protocolo e Arquivo e criar um Arquivo de Custódia Permanente de Documentos (Arquivo Central), que terá a função de manter os departamentos atualizados quanto à legislação interna e externa.

Dornelles caiu na hora certa

Cortar o mal pela raiz. Assim é que o ex-ministro Francisco Dornelles esperava conter a inflação. Acreditava que com os cortes nas estatais e com o tabelamento de preços iria alcançar a sua meta. Passados cinco meses de governo, o feitiço virou contra o feitiço. Em vez, de ser o executor dos cortes, Dornelles é que acabou tendo sua cabeça cortada.

Os últimos seis anos no Brasil se caracterizaram pela aceleração da inflação, pelo baixo crescimento econômico, e pelo desequilíbrio na balança de pagamentos. A má performance de nossa economia decorre de múltiplos fatores.

O professor de Economia da UnB, Dercio Munhoz, acredita que as administrações anteriores, inclusive a do ministro demissionário Francisco Dornelles, não adotaram nenhuma política consistente em relação à inflação.

O que seria consistente então? Para Munhoz, a redução nas taxas de juros e a manutenção do crescimento econômico são medidas que já deviam estar sendo adotadas. Ele explica que o Governo colocando papéis no mercado

desnecessariamente, a uma taxa de 22 por cento ao ano, fora a correção monetária, só está colaborando com a inflação. Isso porque os bancos têm de captar para as suas aplicações taxas ainda maiores e têm que emprestar a taxas absurdamente mais elevadas.

O economista vai mais adiante e faz severas críticas às diretrizes adotadas até recentemente pelo então ministro da Fazenda, Francisco Dornelles. "O corte nas estatais, defendido pelo sobrinho do presidente Tancredo Neves, não tinha nenhuma relação com os déficits públicos. Os investimentos das estatais não dependem de recursos governamentais". Quanto ao tabelamento de preços, o professor Dercio também não

concorda. Esses tabelamentos contêm os preços enquanto vigoram, mas não podem ser mantidos porque ninguém pode obrigar a nenhuma empresa a vender com prejuízo. "Tabelamento de preços não é política anti-inflacionária realmente. Ela tem o efeito enganoso de curto prazo".

FMI

Segundo Munhoz, o Fundo Monetário Internacional quer que o Brasil fique subjugado a ele. Os banqueiros e o FMI não querem que nossa dívida seja saldada. Desejam que a nossa produção seja reduzida, assim como a disponibilidade de bens. Diante dessas premissas, a posição do novo ministro Dilson Funaro de negociar a dívida de acordo com os interesses recíprocos é um

ato de extrema consciência.

MUDANÇA

Para muitos, a ascensão do ministro Funaro não só é importante pelo fato dele ser extremamente competente, como também está mais afinado com as idéias do presidente Sarney. Dercio Munhoz concorda, e diz que agora a Aliança Democrática vai poder cumprir a mensagem política que levou às ruas na campanha de Tancredo e do presidente Sarney. Isso porque o novo ministro é muito realista e não fica baseado em supostos teóricos, imaginando que os nossos problemas são decorrentes de um excesso de demandas da população, excesso de consumo ou de investimentos. (Ana Paula Araripe e Margareth Marmori)

Troca de ministros é normal

"Eu tenho a impressão como 'futurólogo' que outros ministros, que não estão entrosados com o estilo Sarney, serão substituídos num processo natural, como num parto normal. Não é a fórceps nem à cesária." Essa é a previsão do senador Gastão Muller (PMDB-MT), ao analisar a substituição do Ministro da Fazenda, Francisco Dornelles, por Dilson Funaro, ex-diretor do BNDES, na semana passada. Junta-se a ele, o senador Murilo Badaró, líder do PDS, ao dizer que "nenhum ministro é excessivamente estável ou instável, dependendo das posições políticas que influenciam as decisões do Presidente da República."

Líder do PMDB, atualmente no Conselho Político que assessorava José Sarney, Muller afirma que a saída de Dornelles decorreu de um problema de ordem administrativa apenas, sem cunho político ou pessoal, segundo sua "fonte limpa", o próprio Sarney. O senador considera ainda que as declarações infelizes do Secretário-Geral do Ministério da Fazenda geraram um mal-estar irreversível, que levou à solidariedade do Ministro a seu assessor. Para Badaró, no entanto, além das divergências doutrinárias, pequenas variáveis político-partidárias desencadearam o conflito dentro do Governo, culminando na mudança da política econômica.

Segundo o Senador Badaró, o Presidente Sarney tomou "uma atitude de alto risco do ponto de vista econômico e pouco sábia, politicamente", ao escolher um paulista para o Ministério, dado que isto rompe o 'equilíbrio federativo'. Porém, para Muller, esta tese lhe parece absurda, à medida que "o confinamento regional só leva a uma situação de mal-estar que nada traz de concreto para o Brasil. Não importa que ele seja paulista, mato-grossense, mineiro ou acreano; somos todos brasileiros", rebate ele. Dentro do princípio democrático, o Presidente exerce o Poder Executivo e nomeia quem ele achar que deve. "Querem fazer uma tempestade num copo d'á-

gua", analisa o vice-líder do PMDB.

SARNEY-ALFONSIN

Na opinião de Badaró, o Presidente José Sarney tem que ser agora mais um governante na linha daquilo que fez o Presidente Alfonsín, na Argentina, que já está colhendo os frutos maduros de sua dramática decisão para a economia, conseguindo baixar a inflação mensal de 40% para 4% e obter os aplausos da opinião pública. "Se o Governo não arcar com o ônus de até uma eventual ou circunstancial impopularidade de tomar medidas drásticas, o recrudescimento da inflação é inevitável", assinala. No entanto, alerta que a Oposição vai oferecer um tenaz combate a qualquer tentativa de aumento da carga tributária. "O PDS não admite que as pequenas e médias empresas, tanto quanto os empresários e cidadãos em geral fiquem sobrecarregados."

Gastão Muller concorda com a idéia de que a impopularidade e as pressões sociais diante de medidas drásticas devem ser carregadas por todo "Governo que se adota em benefício do povo". Ele lembra o exemplo de Campos Salles, cujo governo sofreu grande oposição, quando da criação de um selo, que vigorou até a reforma financeira de 64, como forma de pagar imposto de consumo. Com essa política, Salles saneou as finanças brasileiras e, posteriormente, foi reconhecido pela sua ação firme e positiva.

IMPASSE ECONÔMICO

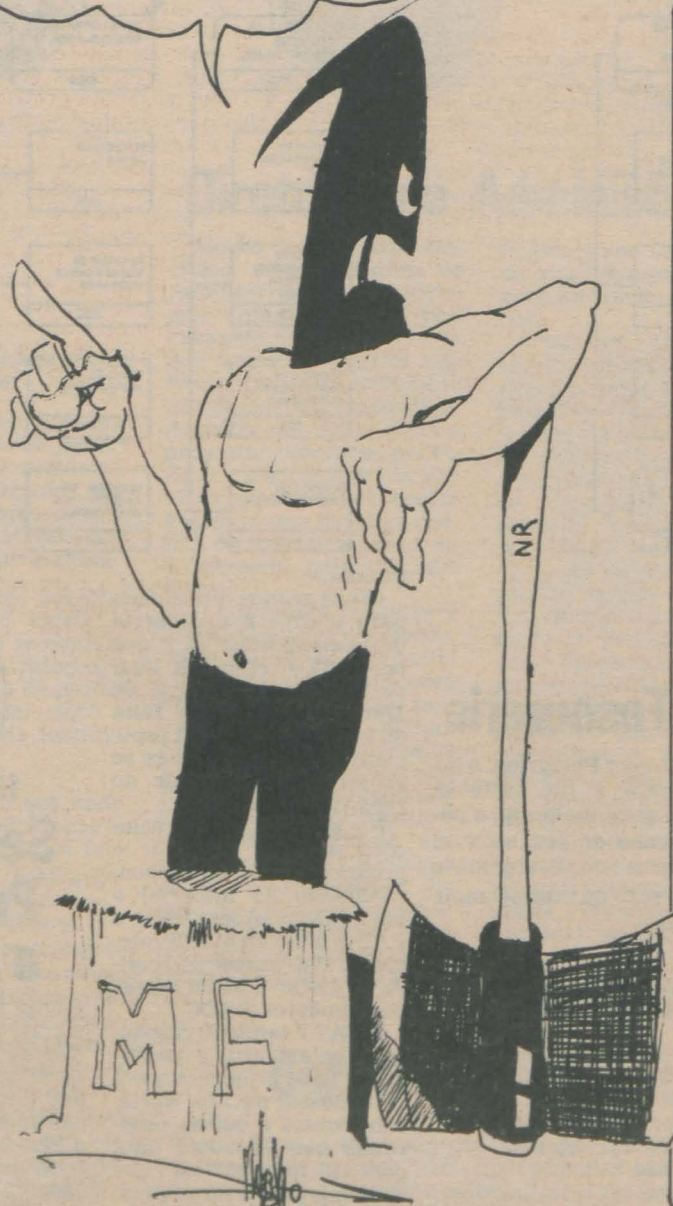
Por outro lado, Muller observa que o Brasil não pode ser comparado à Argentina, por ser um país completamente diversificado e, com uma população cinco vezes maior. Considera a situação difícil para Sarney e para qualquer outro governo, visto que os mecanismos para melhorá-la

obedecem às leis fixas de economia. Assim, para diminuir a inflação, o Governo tem três caminhos para optar: a recessão, emissão de moeda ou o aumento de impostos. O Senador observa que a retenção do desenvolvimento ou recessão é desastrosa e

deve ser excluída, devido às consequências e aos problemas sociais graves que acarreta, embora seja essa a solução clássica e mais eficiente. A emissão também implica em inflação e o aumento de impostos é perigoso, já que está havendo muita pressão

sobre os brasileiros, sem descartar, no entanto, a hipótese de ser aplicada. Dentro desse raciocínio, Muller considera que o Presidente Sarney vai orientar Funaro, em relação às metas que ele quer atingir prioritariamente: a tranquilidade social, a debelacão possível da inflação e o desenvolvimento econômico que significa a diminuição do desemprego e da problemática social. "Funaro tem tudo para continuar lutando pelo Brasil". (Júlia C.G. Melo, Marluce P. Brauna e Sandra Machado).

O PRÓXIMO!



Trabalhador não acredita em mudanças

"Demagógicas e fisiológicas". E assim que José Machado Filho, presidente do Sindicato dos Empregados e Assaíes, Conservação e Vigia e membro da Coordenação Sindical Unitária e Independente, classifica as medidas anunciadas pelo novo ministro da Fazenda. Machado acredita que a simples troca de ministros não influenciará de forma significativa nos rumos da economia brasileira, que vem exigindo mudanças mais radicais.

Segundo ele, o ex-ministro Dornelles recebeu uma pesada herança do governo passado e caiu justamente por tentar remediar essa situação, sem ter tido porém, tempo e credibilidade suficientes para levar adiante seus projetos.

Machado não tem grandes expectativas em relação a Dilson Funaro, a não ser que ele tenha "coragem moral" para por em prática uma política de incentivo à produção de grãos. Essa política, aplicada em coordenação com os ministérios da Agricultura e da Reforma Agrária, ampliaria o mercado interno e o número de empregos, sendo também, afirma ele, uma forma eficiente de se conseguir aliar um razoável índice de crescimento a um controle dos efeitos da inflação. (João Batista G. Paganine, Adélia Barroso Fernandes)

O despotismo inassumido e a estrutura cultural

Atitudes autoritárias e despóticas já foram vistas. Medidas arbitrárias já foram amplamente aplicadas. Decisões tomadas de cima para baixo nos dão uma sensação de *déjà vu* totalmente incompatível com as aspirações de um povo recém-saído de uma ditadura de vinte anos. Apesar disto, o Governador do DF insiste duramente na criação de uma Secretaria comprovadamente desnecessária.

A decisão sobre a criação de uma Secretaria de Cultura em Brasília tem gerado inúmeros debates na comunidade artística, que questiona o continuísmo da intervenção do Estado em decisões que deveriam surgir a partir de discussões democráticas. O Governo do DF firmou rigidamente uma posição antagônica aos fazedores de cultura local, que acreditam ser desnecessária tal Secretaria, uma vez que a Fundação Cultural tem cumprido muito bem sua função.

Ate março deste ano, a FICDF estava para a comunidade artística assim como a Confederação Brasileira de Futebol está para os jogadores de xadrez. Preocupada em fazer uma política cultural muito mais voltada para o Corpo Diplomático e gabinetes políticos do que para a comunidade em geral, a Fundação Cultural estava longe de cumprir uma função ativadora do processo cultural. Tanto assim que, quando foi definida a sucessão deste órgão, entrando para a direção o fotógrafo Luiz Humberto, o apoio da comunidade foi imediato.

Profundamente ligado à cidade e possuidor de uma visão cultural ampla e multifacetada, Luiz Humberto como diretor corresponde aos anseios de toda uma comunidade que foi esquecida e/ou desaquecida durante tanto anos pelas "autoridades competentes".

BOMBA
Eis que o Governador José Aparecido resolve desmembrar a Secretaria de Educação e Cultura e convida o jornalista José Carlos de Andrade para administrar o órgão cultural. Foi como uma bomba provida do Buriti. A resposta foi imediata, só que caiu na cabeça de José Carlos de Andrade, que pediu demissão. O Governador se manteve irredutível e indicou para o cargo a professora Vera Pinheiro. A oposição permanece firme e forte, assim como os propósitos do Governador.

Na opinião de Geraldo Moraes, cineasta e professor da UnB, a criação da Secretaria de Cultura é descabida: "Não se cria uma Secretaria simplesmente porque ela não atrapaça". Continua ainda a cineasta. "Como se trata de uma medida absolutamente desnecessária, a única explicação para ela é interesse político e talvez um desses interesses seja justamente reduzir a importância da Fundação Cultural".

A passividade do GDF é cada vez mais evidente à medida que a indefinição em relação a uma política cultural coerente com a realidade da cidade se prolonga há vários meses. Também o notório desconhecimento do governador do DF em relação aos fazedores da cultura brasiliense confirma que opiniões como a de Geraldo Moraes, compartilhadas por grande parte da comunidade cultural, não são fundadas no vazio. Vejamos então: E sabido que, numa tão inábil quanto infeliz decisão, o Sr. José Aparecido convi-

dou a cineasta Tizuka Yamazaki a apresentar o projeto de um filme a ser produzido pelo governo local. Isto simplesmente pela total ignorância de que há cineastas nacionalmente conhecidos, há anos habitando e produzindo em Brasília, portanto merecedores, no mínimo, de uma posição parelha a outros cineastas.

Portanto, não é sem uma ponta de indignação que ouvimos a professora Vera Pinheiro dizer que a manifestação contrária ao desmembramento da Secretaria de Educação e Cultura é "um vício das pessoas, por causa de um autoritarismo de vinte anos". Ela acha perfeitamente compreensível. A atual assessora de cultura do Sr. Pompeu de Souza é futura Secretária da Cultura do DF, é totalmente a favor da separação do órgão em questão. "Brasília é uma cidade emergente que necessita de uma infraestrutura maior para atender às cidades-satélites, para a criação de museus e bibliotecas, enfim, a cidade necessita de uma estrutura mais firme, que a a Fundação Cultural não tem".

SUPERPOSIÇÃO
O diretor da Fundação Cultural não se opõe a criação de uma Secretaria de Cultura, mas é contra a implantação desta Secretaria em Brasília, pois a dimensão da cidade não comporta este tipo de coisa. Em sua opinião, o funcionamento simultâneo da Secretaria de Cultura e da Fundação Cultural será difícil por tratar-se de uma superposição. A Secretaria de Cultura cumpriria uma função normativa e caberia à Fundação Cultural a função executiva. Acontece que a Fundação assume atualmente as duas funções.

CULTURA E PROCESSO

Totalmente avesso à concepção de Cultura enquanto evento, a maior preocupação de Luiz Humberto tem sido quanto a transmis-

são de conhecimentos e quanto ao desenvolvimento de um lastro local. O diretor da Fundação Cultural frisa que não se esqueceu dos eventos, mas estes devem ocorrer dentro de um projeto: "Acredito no valor do evento enquanto transformador".

O trabalho que a Fundação vem desenvolvendo ao longo desses meses tem sido bastante satisfatório, apesar da lamentável situação em que o órgão se encontrava. Com 2/3 de seu orçamento anual já gasto e a pauta do Teatro Nacional totalmente ocupada durante o ano de 1985, a nova equipe da Fundação vem procurando trabalhar com eventos de custo zero ou em sistema de copatrocínio. Como exemplo, podemos citar a Feira de Música e a vinda da orquestra alemã de Koln, respectivamente.

VERBAS

Vale dizer que é bastante ilusória a idéia de que a criação da Secretaria de Cultura acarretaria maiores verbas para esta área. Segundo a jornalista Maria do Rosário Caetano, a experiência do desmembramento da Secretaria de Educação e Cultura em outros Estados comprova que a verba destinada à parte cultural mal cobre a folha de pagamentos.

Num período em que o País atravessa uma crise econômica, a criação desta Secretaria, que implica em gastos públicos desnecessários, parece comédia, aliás, de extremo mau gosto. A oposição ao desmembramento concentra suas esperanças neste fato, uma vez, que, para ser implantado, é necessário que o projeto seja aprovado pelo Senado Federal. Mas, considerando que neste País comédias desse gênero não são nada perto de histórias de contrabando e escândalos financeiros, a nova Secretaria de Cultura parece ser um fato consumado. (Suzy Sobral e Chico Moura)



Glauber por Glauber surpreende no Brasil e atrai estrangeiro

"Glauber por Glauber tem sido um sucesso tão grande que está surpreendendo as empresas exibidoras, que são donas dos cinemas onde a mostra se realiza".

Com essa declaração o coordenador e produtor da mostra, Fausto Fleury, dá uma idéia de sua repercussão nos lugares por onde já passou. Glauber por Glauber já foi vista por cerca de 30.000 pessoas em São Paulo, Campinas, Salvador, Belo Horizonte, Curitiba, Florianópolis, Porto Alegre, João Pessoa, Fortaleza e Brasília. Até o final do ano chegará a Recife, Maceió, Terezina, Belém, Manaus e Goiânia.

E não é só isso. "A Embrafilme recebeu convites de oito países como França, Alemanha e Venezuela, para realizar a mostra em suas capitais", afirma Fleury. "Glauber Rocha e Nelson Pereira dos Santos são os cineastas brasileiros mais famosos, aqui no país e no exterior, e qualquer mostra ou exibição de filmes deles desperta muito o interesse dos cinéfilos".

O PROJETO

Foram quase três anos de trabalhos de recuperação e preservação do material, um projeto que envolveu diretamente a Embrafilme, o Itamaraty e a Fundação Pró-Memória (através da Cinemateca Brasileira) e ainda contou com um grande apoio financeiro do Banco Nacional.

O professor do Departamento de Comunicação, João Lanari,

participou da recuperação dos filmes como funcionários do Itamaraty, e conta que houve alguns momentos tragicômicos durante os trabalhos. "A recuperação no exterior foi feita através do Itamaraty. O Glauber havia vendido alguns filmes na Europa porque estava sem dinheiro, e nós fomos atrás do material. O problema é que algumas vezes as pessoas não queriam colaborar. O filme Claro, por exemplo, estava escondido embaixo da cama de um rapaz. Mas todo esse trabalho valeu a pena. A mostra foi muito bem organizada.

ALTOS E BAIXOS

Outra presença ilustre na mostra realizada no Cine Brasília foi a do cineasta Wladimir de Carvalho. "O esforço foi muito importante", diz Wladimir. "A obra de Glauber tem uma seção de filmes bastante conhecidos, e essa mostra trouxe alguns filmes inéditos. Isso se oferece como uma oportunidade para a nova geração conhecer e discutir os filmes de Glauber sem a presença dele próprio, que foi, ao lado de sua genialidade indiscutível, um criador muito contraditório, cheio de altos e baixos. Glauber de certa forma lembra Villa-Lobos, por seus momentos de grande altitude, mas também por seus relances de inspiração caótica. Os filmes inéditos devem ser lançados no circuito comercial logo. E a mostra deveria ser realizada nas Universidades, para que as discussões sobre cinema aumentem". (Hélio Franco e Cynthia Rosa)

Muitas mudanças para atrair o público: é o Projeto Pixinguinha

De cara nova, o Projeto Pixinguinha continua atraindo muita gente. Dos finais de semana, os shows passaram a ser às segundas, terças e quartas, do horário de 18 e 30 para o de 18 horas e o que é principal da pequena Sala Funarte para a Villa-Lobos, a maior sala de espetáculos da cidade. Mas por que tantas mudanças?

Segundo Ricardo Vasconcelos, coordenador da Sala Funarte, as mudanças são mais de ordem prática que filosófica. A mudança do local de espetáculo se deu porque a sala Funarte não possui a infra-estrutura necessária para a realização dos espetáculos. Porém, é possível verificar que há também uma mudança de filosofia quanto aos novos horários e dias de espetáculos. Ricardo explica que tal mudança visa atrair o servidor público que sai do trabalho por volta das 18 horas. Isso não ocorreria caso o espetáculo se realizasse no final de semana, pois o espectador teria que se deslocar de sua casa que muitas vezes fica nas cidadessatélites. "E isso, conclui Ricardo, "desestimula qualquer um". Mas essa mudança ainda causa muitas críticas. A estas críticas o coordenador responde: "tudo que mudou visa não só atrair um novo público que nunca assistiu ao Pi-

xinguinha, mas, também, porque este era o único horário em que a sala Villa-Lobos estava disponível". Sobre a possibilidade da volta dos shows aos finais de semana, ele afirma que, pelo menos esse ano, não haverá mudanças.

Quanto aos critérios de escolha dos artistas, nada foi modificado. O que se percebe, às vezes, é uma repetição na Escolha dos artistas nacionais, enquanto que outros nunca se apresentaram na cidade. Ricardo Vasconcelos, que é também o administrador regional do Projeto Pixinguinha, diz que as últimas inovações nesta área ocorreram há cerca de três anos, com a Criação do projeto Uma Janela Para Os Novos. Esse projeto visa dar oportunidade ao artista da cidade que, muitas vezes, a partir desta primeira experiência, passa para o elenco nacional.

Para Ricardo, não ocorreram mudanças no conteúdo do projeto. Em sua opinião, as inovações mais significativas do Projeto Pixinguinha em 85 ocorreram a nível de divulgação: "Nunca antes em Brasília foram vistos repentinamente, pessoas escalando teatro e bônus sendo jogados da Torre com o objetivo de chamar atenção do público para um espetáculo". (Heloísa Helena)



Enquanto na África do Sul dezenas de negros morrem diariamente, vítimas do apartheid, o mais duro regime de opressão racial desde a Alemanha nazista, a população e o governo do Brasil vêm-se inexoravelmente compelidos a se posicionar, a cada dia com mais vigor, pelo fim da hegemonia branca no território negro sul-africano.

Brasil: a vigília dos negros

Marcelo Feljó

Enquanto nos Estados Unidos e na Europa há manifestações contra o apartheid todos os dias, inicia-se no Brasil um trabalho de luta, através da organização de várias manifestações, protestos e debates por todo o País, no sentido de não só pressionar o governo brasileiro a romper totalmente as relações com a África do Sul, assim como esclarecer a população sobre o regime racista daquele país.

O estudante universitário Gerivaldo Nogueira da Silva, militante do Movimento Negro Unificado, considera prioritário o trabalho em conjunto com outros movimentos e entidades na luta contra a política do apartheid. "Em abril deste ano o M.N.U., no seu VI Congresso, realizado aqui em Brasília, elaborou um documento sobre os problemas da África do Sul, onde se enfatiza que o Movimento se solidariza internacionalmente com a questão do negro, repudia o racismo sul-africano e propõe ao Governo Brasileiro medidas enérgicas como o total rompimento de relações", disse o estudante.

No entender do Assessor de Assuntos Afro-Brasileiros do Ministério da Cultura, Carlos Moura, "é chegado o momento das grandes potências assumirem o boicote econômico e diplomático contra a África do Sul, pois existem dois níveis de trabalho: o primeiro



Negros e brancos unidos protestam contra o regime racista da África do Sul

é a resistência feita pelo próprio povo negro sul-africano, e o segundo, o trabalho de solidariedade das grandes potências".

Numa posição solidária com todas as formas de luta contra o apartheid, o prefeito de Uberaba, negro, Wagner do Nascimento, lembrou que o primeiro pronunciamento oficial do presidente José Sarney, a respeito do problema da África do Sul, se deu em maio deste ano, na sua cida-

de, em resposta ao discurso do Prefeito quando este teria protestado sobre o assunto. No mesmo sentido de luta solidária o Reverendo Metodista Antônio Olímpio de Santana, membro da Comissão do Programa Mundial de combate ao Racismo, e do Conselho da Comunidade Negra de São Paulo, frisou que "a partir do momento em que se luta contra a política racista do governo sul-africano, estamos lutando por nós também. A luta é de contestação, de to-

das as vítimas da opressão. O drama diário dos negros sul-africanos está tendo grande repercussão na América negra, e isto vem provocar o levantamento da questão do racismo também entre os negros latino-americanos".

Para o Deputado Abdias Nascimento (PDT-RJ), membro da Comissão de Relações Exteriores da Câmara, "a questão da África do Sul é um problema que atinge a toda a comunidade negra".

Afirmando serem "tímidas" as medidas sancionárias adotadas pelo Governo Brasileiro, propõe o rompimento definitivo de qualquer relação do Brasil com a África do Sul, que segundo ele, "é o que a comunidade negra espera, para que o Brasil não seja cúmplice desse crime que se pratica sistematicamente pelo governo de Pretória contra a maioria negra sul-africana".

Na opinião de Edson Lopes Cardoso, coordenador da Comissão do Negro do Partido dos Trabalhadores, "é extremamente importante que nós brasileiros nos manifestemos contra o apartheid, pois esta pressão internacional pode acelerar o processo de libertação dos negros e definir a situação na África do Sul. Nossa proposta política abrange dois eixos. O primeiro voltado diretamente para o rompimento das relações Brasil-África do Sul, para denunciar a discriminação racial no Brasil. Na verdade, o Brasil é o país de maior população negra fora da África, considerados negros e mestiços. Neste sentido, o rompimento de relações seria um fato extremamente importante para o mundo, pois o Brasil assumiria a sua população negra, manifestando-se solidário em relação à luta do povo negro pela sua libertação". (Regina Celli Prata)

Marcelo Feljó



Também temos o nosso racismo

Apartheid: negros estrangeiros em seu país

A história do apartheid, do regime de segregação racial da África do Sul, começa em 1948, embora muito antes deste ano já houvesse forte opressão racista naquele país. Entre 1943 e 1948, esteve no poder o general Jan Smuts, que praticou uma política considerada pelos atuais historiadores oficiais sul-africanos "um laissez-faire racial".

Em 1948, sobe ao poder o Partido Nacional, numa eleição em que se embutia a escolha de duas alternativas para o problema racial: a segrega-

ção. O eleitorado branco optou pela segunda (que passou a ser chamada de apartheid), ao eleger à presidência D. F. Malan. Nos primeiros anos de seu governo, o casamento inter-racial foi proibido, o registro da população em bases raciais tornou-se compulsório e até o relacionamento sexual entre brancos e não-brancos passou a ser ilegal.

Realizou-se um esforço governamental para realocar os negros urbanos em áreas "especiais", que deram origem

aos homelands, criados a partir de 1958, sob o governo de H. F. Verwoerd. Os homelands, áreas destinadas exclusivamente aos negros, transformaram-se gradativamente em Estado, juridicamente autônomos. Desta forma os negros passaram a ser tratados como estrangeiros na maior parte do território sul-africano.

Desde 1948 as manifestações pacíficas e violentas de repúdio ao apartheid, por parte da população negra, vêm recrudescendo. Em 1960,

a atenção do mundo foi arrebatada pelo massacre de Sharpeville: mais de dez mil negros rasgaram seus "passes" (a caderneta que os permite circular em seu país) e dirigiram-se à delegacia de polícia, para serem presos e chamarem a atenção da opinião pública internacional. A polícia abriu fogo e 69 negros morreram. Desde então cresceu a repulsa internacional ao regime do apartheid e a ONU e vários países têm imposto sanções ao regime racista da África do Sul. (Cláudio Brandt)

Itamaraty: decreto mantém sanções

A política brasileira em relação à África do Sul basicamente não mudou. Apenas foi institucionalizada pelo Decreto 91.524 de 9 de agosto de 1985 que estabelece restrições às relações comerciais, culturais e desportivas com esse país.

Segundo fontes do Itamaraty, o Brasil vem tomando posições mais firmes de condenação ao *apartheid*. Foi a partir de 1974, na gestão do Ex-Ministro de Estado das Relações Exteriores, Azeredo da Silveira, que começou o embargo do Comércio de armas para a África do Sul, através de medidas políticas que levaram, em 1977, ao rompimento do acordo de cooperação militar. Esse embargo de armas não foi efetivo porque a indústria bélica da África do Sul desenvolveu-se de forma autônoma. No nosso caso, o país continuou a ter acesso à tecnologia militar estrangeira, ao contrário da África do Sul, mesmo com as importações de armas interrompidas, conseguiu desenvolver a sua própria indústria militar com um considerável avanço tecnológico.

ONU

Tendo em vista o agravamento da situação na África do Sul e a violenta repressão desencadeada pelo governo daquele país contra as reivindicações legítimas da po-

pulação negra sul-africana, que vem merecendo a severa condenação da opinião pública nacional e internacional, o Conselho de Segurança das Nações Unidas resolve solicitar aos Estados-Membros, através de uma Assembléia Geral, que imponham sanções voluntárias àquele país. Além disso recomendou a todos os países que cessem a venda de armas e material correlato. Esta medida foi considerada obrigatória por ter sido votada por unanimidade por todos Estados-Membros do Conselho. A ONU recomendou também o embargo de venda de petróleo aos eventos culturais e esportivos.

O Brasil já vinha seguindo a política de boicote mesmo antes destas recomendações da ONU, e vem adotando medidas práticas, como não promover o comércio com a África do Sul através da Embaixada do Brasil em Pretória e cessar os contatos comerciais ou de cooperação entre empresas estatais, através da negação de visto de entrada de sul-africanos no Brasil. Ambas as medidas não estão previstas no Decreto assinado pelo Presidente José Sarney, que estabelece restrições ao relacionamento com a África do Sul. Considerando que o regime de *apartheid* está em contradição flagrante com os princípios de demo-

cracia e convivência racial vigentes no Brasil, o governo brasileiro, desde 1974, não tem indicado embaixador para chefiar a sua representação diplomática em Pretória, demonstrando o grau máximo do seu repúdio à segregação racial. A Embaixada brasileira esteve sempre representada a nível de encarregado de negócios e nos últimos anos tem sido chefiada apenas por um secretário da carreira diplomática:

EXEMPLO

Segundo a fonte do Itamaraty a postura política brasileira diante dos países desenvolvidos e em desenvolvimento tem sido observada com bastante atenção pelos membros da ONU, por sua habilidade ao tratar de questões que dizem respeito às relações internacionais com outros países. O Brasil é considerado um país em condições de liderança pelos países do Terceiro Mundo.

Grandes potências mundiais como a Inglaterra, Alemanha, Estados Unidos, e Japão, promovem um intenso comércio com a África do Sul e se excluem do boicote alegando que tal medida afeta a sua própria economia em decorrência do desemprego surgido nas multinacionais ou filiais pertencentes a seus países. (Glória Carvalho)



Ana Paula Padrão



"A partir do momento em que se luta contra a política racista do governo sul-africano estamos lutando por nós mesmos. A luta é de contestação, de todas as vítimas da opressão".

Reverendo Antonio Olímpio de Santana

Entre as sanções e o rompimento

Nos meios diplomáticos brasileiros há um certo ceticismo em relação a transformações não-violentas do regime racista da África do Sul. O embaixador Rubens Ricupero, assessor da Presidência da República para assuntos de relações exteriores, reconhece que não há saída fácil para o problema e afirma que o Brasil já adotou as medidas diplomáticas cabíveis, inclusive a retirada do embaixador brasileiro naquele país, há muitos anos. "Há radicais que querem o rompimento de

relações, mas esta medida significaria o fim de um canal de comunicação importante, até mesmo para exercermos as pressões que consideramos necessárias".

SANÇÕES

Em relação às sanções aplicadas pelo Brasil, Ricupero explica que vieram da força de lei e medidas que já vinham sendo adotadas na prática. "Mesmo sobre as sanções existe controvérsia, pois alguns países colocam em dúvida sua eficácia, já que nenhum país, historicamente,

mudou seu regime como consequência, de sanções. Os defensores das sanções acreditam que elas se tornam eficazes na medida em que as grandes potências as impõem". Por traz desta controvérsia, segundo o embaixador, está a divergência de caráter ideológico. Leste-Oeste. "No caso da África do Sul, derrubada da minoria branca poderia abrir caminho para um regime marxista, o que evidentemente não interessa às potências ocidentais". Cláudio Brandt

Márcia Suyene



A população é insensível?

Violência africana não afeta brasileiro

Tomando um pingado com pão no balcão de um bar da Rodoviária, o primeiro entrevistado não conseguiu mais que dar uma risadinha e dizer que não entendia nada daquilo; depois dele, em entrevistas realizadas com 25 pessoas que circulavam pela Rodoviária e no Conjunto Nacional no dia 26 de agosto, outros 13 entrevistados não estavam informados de modo algum sobre o que está acontecendo na África do Sul, enquanto dois preferiram não falar.

As nove pessoas que esta-

vam por dentro do que se passa com negros e brancos no sul da África, prontificaram-se a falar sobre o *apartheid* e o racismo de modo geral, porém, na maioria das vezes, não conseguiam mais que repetir as colocações dos jornais nos últimos dias ou simplesmente constatar a injustiça humana do racismo.

O problema da África do Sul foi chamado pelos entrevistados desde "bobeira" dos brancos até "ignorância dos negros", por não terem ainda feito uma revolução pela for-

ça, sendo que uma única senhora assumiu ser racista: "Por mais que não queira, todo mundo é racista quando chega a hora". Três pessoas foram contra a intervenção do Brasil no caso, e uma outra argumentou que o boicote comercial não é uma boa por prejudicar também os negros. Um jovem disse que "esse movimento dos negros já devia ter ocorrido, e os brancos bobearam em não tentar uma revolução pacífica", chamando atenção para o fato de que as represálias de outros países de nada adian-

tarão, pois são da "boca pra fora".

Houve consenso entre os entrevistados de que a causa do racismo é a ausência de um sentimento de igualdade e união entre os indivíduos nos países onde a nação ainda está em formação, principalmente nos "novos mundos". Também foi opinião geral que no Brasil há um racismo "escondido", que se manifesta essencialmente na distribuição de empregos e que está ligado ao status econômico do indivíduo. (Renato Afonso)

Informática na UnB está com 20 anos de atraso

Suzana Dobal

O CPD - Centro de Processamento de Dados da UnB - está com um atraso de 20 anos na Era da Informática. O autoritarismo vigente nos anos da direção Azevedo e a conseqüente política de centralização da computação foram decisivos para impedir a atualização do setor na UnB.

As grandes universidades brasileiras já implantaram a descentralização, com o sistema de microcomputadores a serviço da área acadêmica, mas a UnB ainda mantém um Centro de Processamento, com uma tecnologia criada para resolver problemas de 20 anos atrás. A denúncia foi feita pelo professor Sérgio Barroso de Assis Fonseca, da Engenharia Elétrica.

Segundo Barroso, ex-chefe de seu departamento, o CPD está longe de satisfazer as necessidades acadêmicas da Universidade em termos de pesquisa, apesar de prestar um bom atendimento à área administrativa. O professor cita a curva de utilização anual dos equipamentos: "Para os serviços administrativos a curva está lá em cima, enquanto a prestação de serviços acadêmicos é uma coisica lá embaixo".

Colocada em segundo plano na utilização do CPD, o problema maior da área acadêmica não se resolve com a recente aquisição de mais um computador Burroughs. Até que ponto haverá benefício para a comunidade universitária se os equipamentos continuarem com seu uso restrito? Conforme informações do Diretor do CPD, Wagner Teixeira, para um aluno de graduação utilizar a máquina "basta estar cursando uma disciplina que envolva processamento de dados e o professor cadastre a si e à sua turma". Dessa forma, um estudante da UnB que não necessite obrigatoriamente da informática vê-se impedido de usufruir do seu potencial.

DESCENTRALIZAÇÃO

Diretor do CPD desde abril, Wagner Teixeira pretende descentralizar a computação na



A velha geração de máquinas, desligadas por falta de espaço no CPD, convivem com outros equipamentos mais modernos, mas de uso também restrito.

UnB. Para uma mudança efetiva são necessários, além de recursos financeiros, a definição de uma política de informática nesse sentido. Já existe projeto de aquisição de 60 terminais e também de microcomputadores. Assim, cada departamento teria à sua disposição pelo menos um terminal. Como parte dessa diretiva, o CPD está dando um curso para funcionários e outro de utilização de terminais remotos para 47 professores de todos os institutos.

O professor Barroso, no entanto, questiona essa descentralização: "Descentralizar não é ampliar o CPD, botar analistas e programadores em cada departamento. E discutir com a comunidade os interesses de cada um, formar conhecimento em computação necessário a cada unidade, deixar o pessoal estudar e se ex-

pandir, ter cursos para capacitar alunos, professores e funcionários". E ressalta: "Não é a solução aliviar a pressão feita pela comunidade, colocando terminais nos departamentos, com a idéia de que computação se faz no CPD e não nos outros lugares".

DEFINIÇÃO DE POLITICA

Com terminais e microcomputadores obtidos junto a fabricantes e órgãos de apoio como CNPq e SEI, a Engenharia Elétrica conquistou sua auto-suficiência e ainda ministra cursos básicos para funcionários da UnB. Mas o professor Sérgio considera não ser essa a solução definitiva. E explica: "Temos uma boa estrutura em informática, mas esperamos que a Universidade nos dê isso no futuro, para não depen-

dermos de fatores externos, de convênios que muitas vezes podem não ser renovados, desestruturando todo o departamento". Além da Elétrica, há outros departamentos interessados na utilização da informática na pesquisa acadêmica. E o caso da Biblioteconomia, Matemática, Estatística, Engenharia Civil e outros. Para isso ser possível, Barroso levanta a necessidade urgente da definição de uma política de informática para a UnB.

Na administração de Luis Otávio foi feita uma Comissão de Informática que concluiu seus trabalhos há cerca de um mês e meio. Essa comissão sugeriu a criação de um comitê permanente na Universidade, que provocasse discussões, trazendo palestras e despertasse idéias. Para o professor Sérgio e também para Wagner Teixeira, o atual reitor já se mostrou sensibilizado no sentido de abrir debates para elaborar uma nova política de informática na UnB.

DEFORMAÇÕES CULTURAIS

O desconhecimento da utilização e do potencial da informática na Universidade implica em atraso não só no campo da pesquisa, mas também na formação de profissionais não preparados para as condições de mercado, como é o caso da Comunicação. Microcomputadores já estão sendo amplamente usados nas redações de jornais, para edição de textos, e em produções e criações publicitárias. Mais além, há implicações culturais devido à ausência de programas aplicativos nacionais. O professor Barroso menciona os exemplos utilizados na educação, como jogos e figurinhas com programas importados: "O índio é o pele-vermelha americano e não o índio moreno brasileiro, com traços orientais. O sotaque é o americano e não o nordestino ou sulino do Brasil. Há a necessidade de desenvolver programas aplicativos brasileiros, para evitar deformações culturais". (Maria de Lourdes Duarte Tavares e Shirlyne Costa).

Ufologia misticismo ou ciência?

Milhares de casos de aparições de Objetos Voadores Não Identificados (OVNIs) são registrados anualmente em todo o mundo. No entanto, ainda hoje existe muito preconceito em aceitar a Ufologia como uma ciência. O general Moacir Uchôa, um dos maiores pesquisadores do assunto, afirma que a Ufologia não se restringe apenas ao estudo puro e simples desses fenômenos. E explica: "Esta ciência" vai ao fundo das implicações relacionadas com as aparições dos chamados OVNIs".

Para ele, "a não aceitação dos fenômenos ufológicos tem, como principal causa a formação religiosa, inerente à maioria das pessoas. Um outro motivo, seria o fato do ser humano buscar a explicação do inexplicável através da racionalidade humana".

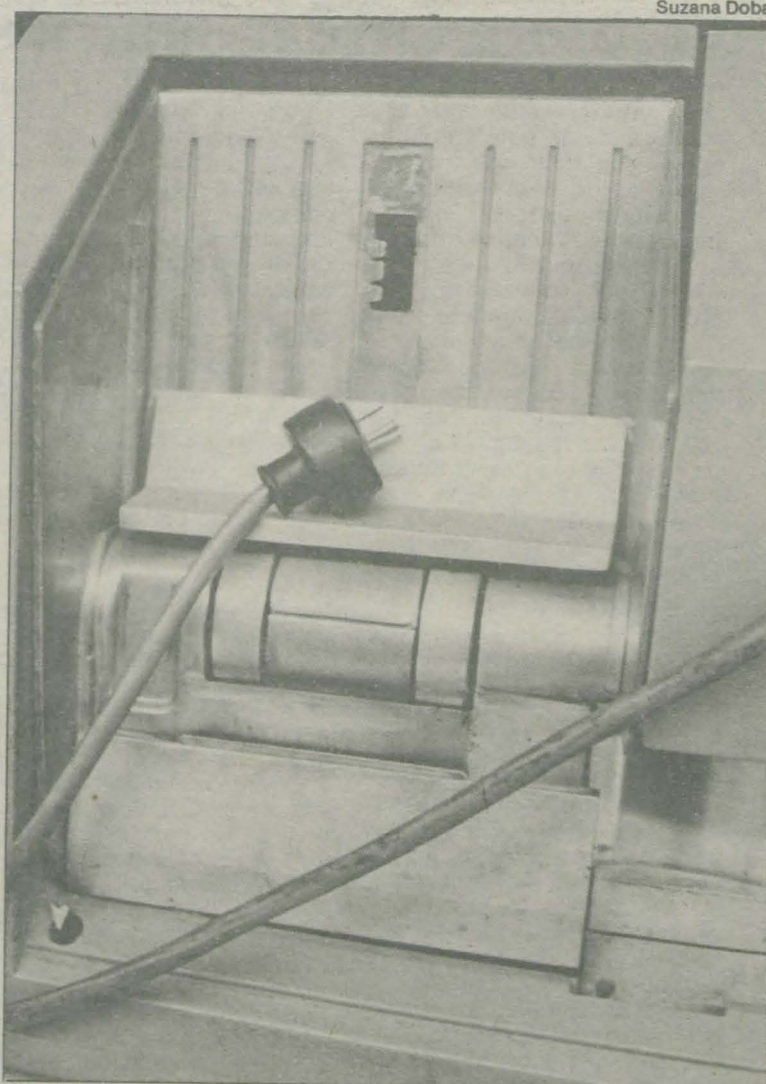
O professor Oyanarte Portilho, do Departamento de Física da UnB, diz que a Física, assim bem como as ciências em geral, não possui uma opinião formada com relação à Ufologia. O problema, explica o professor Portilho, "é que não existem provas concretas com relação à existência ou não desses objetos. Isso cria um preconceito nas pessoas em geral na hora de emitir uma opinião a esse respeito, ou sobre qualquer outro assunto não reconhecido cientificamente. Elas têm medo de se expor, ao dar uma opinião favorável, por exemplo, e serem ridicularizadas".

O general Uchôa diz não ter medo de afirmar que existe vida em outros planetas do Universo, já que ele não se considera exatamente um cientista, embora possua vários livros e trabalhos publicados sobre o assunto. Ele afirma que vários planetas são habitados por seres inteligentes que já possuem uma avançada tecnologia em viagens interplanetárias. Esses seres, segundo ele, vindos de diferentes pontos do Universo e até mesmo de outra dimensão, em certos casos, sempre visitaram a Terra ao longo de toda a sua história, e continuam a fazê-lo com uma certa frequência.

O professor Portilho afirma que "a Ufologia pode vir a ser o começo de uma ciência, mas, no momento, é apenas um movimento onde há pessoas sérias e místicas". Ele explica que esses fenômenos não podem ser encarados de maneira científica, pois na maioria das vezes são detectados apenas por um observador, e no caso da existência de fotos, ou o número delas é insuficiente para se desenvolver um trabalho realmente científico, ou elas podem ter sido forjadas.

No Brasil, ainda não existem equipamentos apropriados, em centros oficiais do Governo, para comprovar a veracidade dessas aparições. Também não há perspectivas de que isto venha ocorrer, já que existe um certo desinteresse governamental pela Ufologia. Para o professor Portilho, sendo o Brasil um país com sérias dificuldades econômicas, não se justificariam gastos públicos neste sentido, quando existem tantas áreas de maior prioridade.

Mesmo assim, é grande o número de pessoas que, como o general Uchôa, se dedicam a desenvolver um trabalho sério, independente dos preconceitos e desinteresses. (Joyce Russi, Cláustenis Delene, Carlos André)



Suzana Dobal



Suzana Dobal

O novo Burroughs representa a continuidade de uma política de informática de 20 anos atrás.